



SOB O SOL DE DASEIN: A DESCOBERTA DO SER-AÍ NA TEOLOGIA DA ESPERANÇA

Jaqueline Thais de Souza¹.

Resumo: A partir da análise das concepções de Martin Heidegger sobre a hermenêutica da facticidade, é possível perceber uma convergência entre a hermenêutica da facticidade e a teologia da esperança de Jürgen Moltmann, no que se refere ao sentido existencial da esperança em meio à experiência do sofrimento humano. Nesse sentido, é relevante compreender qual é o ser-aí da teologia da esperança de Moltmann. Este artigo tem como propósito analisar as perspectivas de Jürgen Moltmann e Martin Heidegger sobre a teologia da esperança e a hermenêutica da facticidade, com o intuito de compreender o sentido ontológico da esperança. Para isso, será necessário descrever brevemente a hermenêutica da facticidade de Heidegger, suas principais contribuições à filosofia e à teologia da esperança, particularmente o ser-aí enquanto ser-no-mundo. Apresentar a teologia da esperança e a trajetória pessoal de seu autor, Jürgen Moltmann, bem como a experiência concreta do cativo como prisioneiro de guerra e a esperança, fruto de experiências de sofrimento. Analisar a influência do filósofo Ernst Bloch sobre a construção da teologia da esperança e a convergência com a hermenêutica proposta por Heidegger. Por fim, explorar, a partir do sentido ontológico proposto por Heidegger, o caminho da esperança até dasein, em um mundo cada vez mais sensível às contradições humanas. Entender como a angústia humana também é fomentadora da esperança contribui para a promoção do diálogo dos aparentemente antagônicos aspectos da vida humana, como a experiência da perseguição e da liberdade, da fome e da abundância, da morte e da vida. A pesquisa pode destacar como as ideias de Heidegger e Moltmann podem contribuir para isso. A interação entre filosofia e teologia nessas discussões promove um rico diálogo interdisciplinar, que pode oferecer novas perspectivas sobre questões antigas relacionadas à esperança e ao sofrimento humano. Heidegger e Moltmann são figuras proeminentes em seus respectivos campos, e explorar suas ideias sobre esperança e dasein pode contribuir significativamente para a teologia e a filosofia contemporânea, especialmente no que diz respeito às experiências críticas que fazem o homem sofrer e questionar o sentido delas. Em um momento em que as sociedades estão cada vez mais sujeitas ao sofrimento, em decorrência de inúmeras causas, econômicas, políticas e sociais, compreender o pensamento de Heidegger e Moltmann para uma hermenêutica da esperança pode oferecer caminhos para superar problemas e fomentar não só a esperança, mas os caminhos para compreender o sentido da existência do homem sofredor, além da experiência do sofrimento. A análise das visões de Moltmann e Heidegger revelará que suas abordagens em relação à angústia e esperança são convergentes; ambos oferecem perspectivas complementares, que podem contribuir para a compreensão existencial da teologia da esperança. Enquanto Heidegger propõe uma forma inédita de compreensão, atenta ao sentido existencial do ser inserido no mundo, Moltmann destaca o valor intrínseco do sofrimento e da tradição religiosa como componentes essenciais para a promoção da

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Marechal Cândido Rondon/PR. Especialista em Direito Civil e Direito Processual Civil pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. Especialista em Direito Previdenciário pela Escola Paulista de Direito. Bacharel em Teologia – Doutrina Católica pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER. E-mail: jaqueline.th.souza@hotmail.com.

esperança. Esta complementaridade pode oferecer uma base mais rica e inclusiva para o diálogo e a coesão social em sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Jürgen Moltmann. Martin Heidegger. Hermenêutica da Facticidade. Teologia da Esperança.

Abstract: From the analysis of Martin Heidegger's conceptions about the hermeneutics of facticity, it is possible to perceive a convergence between the hermeneutics of facticity and Jürgen Moltmann's theology of hope, with regard to the existential meaning of hope in the midst of the experience of human suffering. In this sense, it is important to understand what the being-there is in Moltmann's theology of hope. This article aims to analyze the perspectives of Jürgen Moltmann and Martin Heidegger on the theology of hope and the hermeneutics of facticity, with the aim of understanding the ontological meaning of hope. To do this, it will be necessary to briefly describe Heidegger's hermeneutics of facticity, his main contributions to the philosophy and theology of hope, particularly being-there as being-in-the-world. Present the theology of hope and the personal trajectory of its author, Jürgen Moltmann, as well as the concrete experience of captivity as a prisoner of war and hope resulting from experiences of suffering. Analyze the influence of the philosopher Ernst Bloch on the construction of the theology of hope and the convergence with the hermeneutics proposed by Heidegger. Finally, explore, based on the ontological meaning proposed by Heidegger, the path from hope to *dasein* in a world increasingly sensitive to human contradictions. Understanding how human anguish also fosters hope contributes to promoting dialogue on seemingly antagonistic aspects of human life, such as the experience of persecution and freedom, hunger and abundance, death and life. Research can highlight how the ideas of Heidegger and Moltmann can contribute to this. The interaction between philosophy and theology in these discussions promotes a rich interdisciplinary dialogue, which can offer new perspectives on age-old questions related to hope and human suffering. Heidegger and Moltmann are prominent figures in their respective fields, and exploring their ideas about hope and *dasein* can contribute significantly to contemporary theology and philosophy, especially with regard to critical experiences that make man suffer and question their meaning. At a time when societies are increasingly subject to suffering as a result of countless causes, economic, political and social, understanding Heidegger and Moltmann's thinking for a hermeneutics of hope can offer ways to overcome problems and foster not only hope, but the ways to understand the meaning of the suffering man's existence, beyond the experience of suffering. The analysis of the views of Moltmann and Heidegger will reveal that their approaches towards anguish and hope are convergent, both offering complementary perspectives that can contribute to the existential understanding of the theology of hope. While Heidegger proposes an unprecedented form of understanding attentive to the existential meaning of being inserted in the world, Moltmann highlights the intrinsic value of suffering and religious tradition as essential components for promoting hope. This complementarity can offer a richer and more inclusive basis for dialogue and social cohesion in contemporary societies.

Keywords: Jürgen Moltmann; Martin Heidegger; Hermeneutics of Facticity; Theology of Hope.

INTRODUÇÃO

A partir da análise das concepções de Martin Heidegger sobre a hermenêutica da facticidade, é possível perceber uma convergência entre a hermenêutica da facticidade e a teologia

da esperança de Jürgen Moltmann, no que se refere ao sentido existencial da esperança em meio a experiência do sofrimento humano.

Nesse sentido, é relevante compreender qual é o ser-aí da teologia da esperança de Moltmann. Isso porque a compreensão do sentido existencial da esperança, conforme o pensamento do teólogo, contribui para a análise do pensamento de seu autor e evita a redução desta teologia a meros sentimentalismos ou à conformação das massas, à exploração dos mais vulneráveis. Este artigo tem como propósito analisar as perspectivas de Jürgen Moltmann e Martin Heidegger sobre a teologia da esperança e a hermenêutica da facticidade, com o intuito de compreender o sentido ontológico da esperança.

Para isso, será necessário descrever brevemente a hermenêutica da facticidade de Heidegger, suas principais contribuições à filosofia e à teologia da esperança, particularmente o ser-aí enquanto ser-no-mundo. Apresentar a teologia da esperança e a trajetória pessoal de seu autor, Jürgen Moltmann, bem como a experiência concreta do cativo como prisioneiro de guerra e a esperança, fruto de experiências de sofrimento. Analisar a influência do filósofo Ernst Bloch sobre a construção da teologia da esperança e a convergência com a hermenêutica proposta por Heidegger. Por fim, explorar, a partir do sentido ontológico proposto por Heidegger, o caminho da esperança até *dasein*, em um mundo cada vez mais sensível às contradições humanas.

Entender como a angústia humana também é fomentadora da esperança contribui para a promoção do diálogo dos aparentemente antagônicos aspectos da vida humana, como a experiência da perseguição e da liberdade, da fome e da abundância, da morte e da vida. A pesquisa pode destacar como as ideias de Heidegger e Moltmann podem contribuir para isso.

A interação entre filosofia e teologia nessas discussões promove um rico diálogo interdisciplinar, que pode oferecer novas perspectivas sobre questões antigas relacionadas à esperança e ao sofrimento humano. Heidegger e Moltmann são figuras proeminentes em seus respectivos campos, e explorar suas ideias sobre esperança e *dasein* pode contribuir significativamente para a teologia e a filosofia contemporânea, especialmente no que diz respeito às experiências críticas que fazem o homem sofrer e questionar o sentido delas.

Em um momento em que as sociedades estão cada vez mais sujeitas ao sofrimento, em decorrência de inúmeras causas, econômicas, políticas e sociais, compreender o pensamento de Heidegger e Moltmann para uma hermenêutica da esperança pode oferecer caminhos para superar problemas e fomentar não só a esperança, mas os caminhos para compreender o sentido da existência do homem sofredor, além da experiência do sofrimento. A análise das visões de Moltmann e Heidegger revelará que suas abordagens em relação à angústia e esperança são

convergentes; ambos oferecem perspectivas complementares que podem contribuir para a compreensão existencial da teologia da esperança.

Enquanto Heidegger propõe uma forma inédita de compreensão, atenta ao sentido existencial do ser inserido no mundo, Moltmann destaca o valor intrínseco do sofrimento e da tradição religiosa como componentes essenciais para a promoção da esperança. Esta complementaridade pode oferecer uma base mais rica e inclusiva para o diálogo e a coesão social em sociedades contemporâneas.

A HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE

A consciência histórica, entendida como “o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo o presente e da relatividade de toda a opinião” (Gadamer, 2003, p. 15), foi o enfoque do pensamento do filósofo Martin Heidegger, cuja formulação de uma hermenêutica voltada para o problema da historicidade inovou a forma de compreender a própria compreensão em si mesma (cf. Guerche, 2011, p. 5).

Durante o curso ministrado em 1923, denominado “Ontologia: Hermenêutica da Facticidade”, foram apresentados os objetivos, métodos e tarefas do pensamento do referido filósofo, no sentido de colocar a consciência histórica como o centro de preocupação da hermenêutica, tornando o ato de compreender em si mesmo como algo ontológico (cf. Guerche, 2011, p. 5).

Na construção de um método diferente dos métodos tradicionais de interpretação, que negligenciaram o ser-aí em sua ocasionalidade e temporalidade, Heidegger pretendeu afastar concepções já estabelecidas de método, a fim de elaborar um esquema interpretativo totalmente original, que acolhesse essa historicidade e tornasse possível compreender o “aí” daquilo que se está interpretando, suprimindo-lhe o caráter da impessoalidade que, segundo o autor, “não pertence a ninguém e que ninguém se responsabiliza por ela” (Heidegger, 2013, p. 40).

Para tanto, Heidegger inicia seu método interpretativo partindo da ideia do próprio ser, que não pode ser abordado da forma tradicional, como algo a ser apreendido partindo de preconcepções de sujeito e objeto (cf. Provinciatto, 2019, p. 226). Isso porque, caso a interpretação seja realizada dessa forma, há o risco concreto de transpor para o ser as categorias pré-estabelecidas do intérprete, reduzindo, desse modo, a possibilidade de compreender a realidade ontológica daquilo que é interpretado (cf. Santos, 2013, p. 77).

A vida fática, portanto, está no centro e na base da interpretação da ontologia heideggeriana e não se restringe à linguagem, estilo e conceitos pré-estabelecidos que o intérprete cria para

interpretar e compreender, tradicionalmente (cf. Santos, 2013, p. 77) que a determinariam, mas se conduz por uma compreensão de vivência (cf. Provinciatto, 2019, p. 226).

A vida fática pode ser entendida como fenômeno originário, a partir do qual são derivados diversos modos de ser, articulando-se com os conceitos de experiência do mundo circundante e significatividade (Guerche, 2011, p. 6). De acordo com Heidegger, a intuição hermenêutica, de onde se inicia o ato de compreender o ser-aí, está em uma relação de compreensão da vivência, lugar onde se dá a apropriação e condução a respeito da vida fática no ambiente em que ela se experimenta (cf. Provinciatto, 2019, p. 227).

Nesse sentido, reitera-se, não é possível aplicar a pressuposição de constatações conformes ao esquema subjetivo/objetual à vida fática, uma vez que as experiências de mundo nela existentes não se dão entre sujeito e objeto, mas como o que tem em si um sentido, ou seja, os sujeitos não percebem uma árvore como uma coisa dotada de propriedades, como cor, forma, tamanho etc.: veem-na como uma “árvore que dá frutos”, que “possui belas flores” etc., ou seja, a vida fática está adstrita à concepção de como o mundo é percebido inicialmente pelos indivíduos (cf. Guerche, 2011, p. 7).

A compreensão se dá também no mundo, uma vez que a vida fática também se relaciona com ele e se realiza nele (cf. Heidegger, 2001, p. 65). Nesse sentido, o mundo circundante não pode ser tomado como um objeto, ou seja, dotado de atributos simplesmente dados, percebidos por sujeitos também simplesmente dados, mas como lugar que vem ao encontro do sujeito possuindo um significado, como tudo aquilo que integra o entorno em que se vive (cf. Guerche, 2011, p. 8).

De mais a mais, convém salientar o caráter histórico da vida fática, que caracteriza essa base da compreensão heideggeriana, sendo certo que a expressão “fática” não se refere ao sentido usual que a expressão traduz, mas, em Heidegger, vincula-se à natureza histórica dessa estrutura fundamental (cf. Guerche, 2011, p. 8).

Percebe-se, nesse aspecto, que a hermenêutica da facticidade se preocupa com a vida fática, tendo como missão considerá-la de tal forma que possam nela fulgurar as características fundamentais do ser (cf. Santos, 2013, p. 79). É importante destacar que em *Ser e Tempo*, a expressão “vida fática”, utilizada no curso “Ontologia: hermenêutica da facticidade”, é substituída por Heidegger por *Dasein* – “ser aí”. Em que pese a mudança de expressão, a estrutura temática permaneceu inalterada (cf. Guerche, 2011, p. 9).

Na construção de sua hermenêutica da facticidade, cujo ápice está na obra *Ser e Tempo*, o método hermenêutico possui grande destaque, uma vez que o objetivo principal do filósofo alemão

pretendia oferecer uma metodologia filosófica original, a fenomenologia hermenêutica (cf. Guerche, 2011, p. 10).

Ao analisar os conceitos clássicos do que vem a ser hermenêutica, Heidegger (2013, p. 16) diz que o discurso é entendido como tornar algo acessível a alguém por meio de palavras, atribuindo à compreensão um sentido vinculado à comunicação, ou seja, o intérprete é o portador da mensagem que é compreendida por todos (cf. Guerche, 2011, p. 11).

A ideia de hermenêutica entendida pela tradição cristã, por sua vez, conduz a um significado diverso, no sentido de comentar, traduzir os textos sagrados, sendo certo que se relaciona com um conceito prévio, ligado aos textos dessa tradição e às imagens utilizadas nesses textos para comunicar a mensagem, semelhante à tarefa de um tradutor (cf. Guerche, 2011, p. 11).

Na filosofia de Dilthey e Schleiermacher, a hermenêutica passa a ser considerada como técnica de compreensão do discurso de outrem, como conjunto de regras que disciplinam a compreensão do discurso de um indivíduo, de um povo ou mesmo de discursos de outras épocas (cf. Guerche, 2011, p. 11).

Para Heidegger, porém, a hermenêutica tem sentido totalmente diverso, tomada que é “como modo unitário de abordar, concentrar, acessar a ela, isto é, de questionar e explicar a facticidade” (Heidegger, 2013, p. 15).

Ou seja, o método construído pelo filósofo alemão é muito mais abrangente que as compreensões acima mencionadas, alcançando sobretudo o sentido fundamental da estrutura da facticidade, como ele é percebido na vida fática – *Dasein* – em seu ser-no-mundo e temporalidade. Nesses termos, a facticidade é ao mesmo tempo objeto da interpretação e o próprio intérprete (cf. Guerche, 2011, p. 12).

Vinculada a hermenêutica com a existência, Heidegger mostra que a primeira tem por objetivo um conhecer existencial, que em sua construção constitui a existência, sendo certo que há uma relação fundamental entre o compreender e o existir, cuja união se torna possível por meio do indivíduo e para ele (cf. Santos, 2013, p. 79).

O ser-aí é e existe como ser-no-mundo, projetando-se na significância das coisas que o rodeiam e lhe vêm ao encontro. A hermenêutica heideggeriana pode ser compreendida como um constituinte existencial do homem (cf. Santos, 2013, p. 79-80).

A hermenêutica da facticidade, por isso, é, para Heidegger, o método de determinação próprio à estrutura fundamental da vida fática/*dasein*, executada pela própria facticidade e que tem como objeto ela mesma. Por isso, qualquer outra ciência que tente realizar o empreendimento da hermenêutica da facticidade de fato não pode concretizar seu intento, uma vez que na facticidade,

fundamento de conhecimento, nela mesma já está presente a interpretação de si própria (cf. Guerche, 2011, p. 13).

Dasein, portanto, não pode ser isolado do mundo e dos outros, mas *é-com* eles, como condição indispensável para vivenciar as projeções das ações e dos comportamentos, ou seja, o *ser-aí* não está estagnado e sua existência se dá como abertura, na transcendência (cf. Gonçalves, 2015, p. 16).

Demais disso, o suporte metodológico para encontrar a abertura privilegiada do *ser-aí* está no conceito de angústia, considerada por Heidegger como o sentimento capaz de reconduzir o indivíduo ao encontro com a totalidade de seu ser, uma vez que coloca o homem diante de sua condição humana, conduzindo-o para uma vida autêntica, que se dá no viver-para-a-morte, a finitude do *dasein*, sua plena realização (cf. Gonçalves, 2015, p. 17-18).

O DASEIN DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA

Breves considerações sobre a *Teologia da Esperança*, o contexto teológico-biográfico de seu autor e a influência da obra “princípio esperança” de Ernst Bloch

Nascido em Hamburgo, no dia 8 de abril de 1926, Jürgen Moltmann, autor do livro *Teologia da Esperança*, teve o pensamento marcado por sua experiência pessoal no contexto da Segunda Guerra Mundial. Antes de ser feito prisioneiro de guerra pelo exército inglês e enviado a um campo de concentração na Escócia, onde se interessou pela primeira vez pela teologia, testemunhou a destruição de sua cidade natal, em julho de 1943, pela operação britânica Sodom e Gomorra (cf. Kuzma, 2013, p. 17).

A vivência do campo de concentração em Norton Camp, Inglaterra, segundo o próprio teólogo, marcou profundamente sua espiritualidade e identidade, até então deturpada pela juventude alemã e pela influência de grande parcela da sociedade alemã da época, influenciada pela ideologia nazista e seus nocivos ideais (cf. Kuzma, 2013, p. 17).

Isso porque, ainda que curvado sob a condição de prisioneiro, pôde experimentar, pela fé, a liberdade e a coragem interior para recomeçar, sendo certo que essa sua vivência dolorosa e humilhante do cativo, contraposta pelo comportamento solidário dos civis na Escócia, que chamavam os prisioneiros pelo nome e os tratavam com respeito, devolveram-lhe a dignidade humana e o colocaram em contato com a própria história (cf. Kuzma, 2013, p. 22).

Por conta disso, é possível perceber que a teologia de Jürgen Moltmann não pode ser compreendida distante desses contextos pessoais, políticos e históricos, a partir dos quais buscou realocar a escatologia, num contexto que não olvida a realidade histórica do povo de Deus, ao

contrário, procura atender ao clamor do povo de sua época, marcado pela experiência da dor e de dúvidas existenciais decorrentes dessa vivência (cf. Souza, 2019, p. 244).

Sua teologia singular foi intimamente influenciada pelo filósofo marxista Ernst Bloch, especificamente por sua obra *Princípio Esperança*, que descreve a formação da denominada consciência antecipadora, considerada fundamental para a promoção de transformações sociais.

De forma diversa do que propôs Heidegger, que atribuiu ao *dasein* o fundamento de existência de sua ontologia, Bloch considera a esperança essencial afeto expectante para os indivíduos, uma vez que, segundo o autor, o ser humano vive para o futuro (cf. Gonçalves, 2015, p. 19).

Este processo de formação se dá nas pulsões humanas, consideradas como suas necessidades vitais, a mais fundamental delas sendo a fome. É importante ter claro que é o corpo quem age sobre as pulsões e não o contrário, ou seja, por conta de sua condição humana, o homem sempre está à procura de algo.

A fome, por sua vez, impulsiona o indivíduo a almejar e procurar a sua saciedade, insaciável, que surge não em um plano concreto em si, mas de forma inconsciente, a fim de garantir a própria subsistência. Essas pulsões são o berço do que vêm a ser os sonhos diurnos.

Os afetos, por sua vez, também considerados decisivos e uma das condições materiais da consciência antecipadora, podem ser plenificados e expectantes, e estes últimos, positivos e negativos. Tendo por fundamento as pulsões, os afetos são classificados por Bloch (cf. 2006, p. 76) a partir de si mesmos e considerados intransitivos, ou seja, “carregam consigo conteúdos imaginários ‘fundantes’ sem consistência ou mesmo sem nenhum conteúdo” (Bloch, 2006, p. 73).

Esses afetos tornam-se transitivos na medida em que a eles são somadas a imaginação e as sensações experimentadas pelo indivíduo enquanto vive no mundo concreto, associando o afeto a um determinado objeto. Nos termos do filósofo, “se o vago anseio se transforma em desejo pleno de conteúdos ao imaginar seu objeto, da mesma forma o mundo dos afetos é regido pelo amor a algo, pela esperança de algo, pela alegria trazida por algo” (Bloch, 2006, p. 73). Em outros termos, é “ao longo da experiência do sujeito no mundo que o objeto de desejo vai sendo elaborado, criado, paulatinamente ganha conteúdo” (Porto, 2022, p. 83).

Como já adiantado, esses afetos podem ser plenificados ou expectantes. Para Bloch, afetos plenificados “são aqueles cujo acesso ao objeto portado pelo desejo está imediatamente acessível no mundo social, [como inveja, ganância e veneração]” (Porto, 2022, p. 83). São afetos de curto alcance e associados a um futuro inautêntico onde o previsível – e não o novo – acontece, segundo Bloch (cf. 2005, p. 76).

Os afetos expectantes, por seu turno, “são aqueles que carregam objetos de desejo cujo alcance não é imediatamente acessível ao sujeito no mundo social, como angústia, fé, medo e esperança” (Porto, 2022, p. 84). Estão ligados a um futuro autêntico na medida em que portam “o futuro do ainda-não, do que objetivamente ainda não existiu desse modo” (Bloch, 2005, p. 77).

No que se refere ao afeto expectante da esperança, positivo por excelência, para Bloch, tem como estímulo justamente a experiência da privação experimentada nas pulsões, como uma resposta à carência de satisfação (Porto, 2022, p. 86). Oposta ao medo e à angústia, afetos expectantes negativos, está conecta à razão, posto que, segundo Bloch (2005, p. 113), “se trata de uma relação em conjunto conceitual puramente cognitivo que de resto não é próprio de nenhum afeto”.

É possível perceber nesse momento um quadro hierárquico entre esses afetos, segundo o qual os afetos expectantes positivos estariam mais associados à razão que os negativos, estes, portanto, na base deste quadro. Isso por conta do potencial cognitivo desencadeado por esses afetos e sua capacidade de gerar respostas à realidade que se apresenta (cf. Porto, 2022, p. 86). Já aí é possível observar certa diferença entre o pensar de Bloch e o de Heidegger.

Resumindo, o sujeito experimenta durante a vida sensações de desconforto, incômodo, que desencadeiam sintomas. Esses sintomas são respostas que rejeitam aquilo que se está vivenciando e a partir daí nasce o desejo sem objeto definido. Ultrapassada essa primeira experiência afetivo-sintomática, há uma progressão. Surgem, portanto, respostas afetivo-cognitivas, denominadas por Bloch como sonhos diurnos (cf. Porto, 2022, p. 87).

Substrato do ainda-não consciente (cf. Oliveira, 2017, p. 15), os sonhos diurnos são, tanto em seu aspecto objetivo, na matéria que ainda não está pronta, quanto no subjetivo, manifestações da esperança.

Portanto, a função utópica pode ser considerada como um legítimo afeto expectante da esperança de concretização desses sonhos diurnos, ou seja, que se projetam para o futuro, em busca do presente autêntico (cf. Costa, 2009, p. 3), sonhos esses que auxiliam os indivíduos a vislumbrarem a possibilidade de concretizar tais desejos no mundo real que, assim como está, lhes causa desconforto (cf. Fialho, 2017, p. 64).

A função utópica é, portanto, o conteúdo ativo da esperança como conteúdo histórico, na interação da humanidade entre si frente a seus anseios individuais e comuns em um horizonte utópico-concreto, em outros termos, *transcendente sem transcendência* (cf. Bloch, 2006, v. 1, p. 145-146).

Esse “ainda-não consciente”, que é âmbito dos sonhos diurnos, constitui um tipo de desdobramento essencial da consciência antecipadora, mas com ela não se confunde, e seu objetivo

é ir além da realidade imperfeita (cf. Oliveira, 2017, p.25). A descoberta desse ainda-não consciente traz consigo a ideia de algo inédito, que está prestes a surgir ou nascer: o novo. Dito de outro modo, “o ainda-não consciente está subordinado à consciência futura, na expectativa dos bens ou mesmo de um mundo melhor que a humanidade tornará realidade” (Fialho, 2017, p. 67).

A forma como Bloch considera a esperança como decisiva ao impulso para a concretização do ainda-não consciente que impulsiona o indivíduo para o futuro e para a concretização da utopia dos sonhos diurnos, Heidegger, de forma diversa, desloca para o ser-aí diante da morte como condição da existência autêntica, inteiramente relacional com o mundo e com os outros, sendo certo que essa existência autêntica é o impulso do indivíduo em direção a um presente e futuro plenos (cf. Gonçalves, 2015, p. 20).

Intimamente influenciado pela filosofia blochiana, Moltmann, por experiência própria, não esqueceu da experiência de milhões em Auschwitz e apresentou a resposta a uma inquietação de toda a geração que viveu a síntese da intolerância e supressão da dignidade humana: onde estaria Deus, diante de tanto horror?

Toda a teologia pós-guerra inexoravelmente teve de atender a essa dúvida, e essa é a raiz da teologia de Jürgen Moltmann, voltada para a história e a esperança, entretanto, sob um foco que, ao mesmo tempo que influenciado por Bloch, tangenciou com igual intensidade o pensamento de Heidegger, quando observou na experiência angustiante do cativo um nascedouro da esperança, a experiência da descoberta do *dasein*, o ser-aí: a esperança que nasce a partir da experiência da dor e da angústia, que devolve ao indivíduo sua dignidade e o impulsiona para o futuro.

Segundo o teólogo da esperança, é impossível não pensar em Deus mesmo diante da inexplicável barbárie da guerra, uma vez que ele mesmo, enquanto cativo, percebeu que o Absoluto não se mostrou silencioso, mas solidário à sua dor e ao mesmo tempo, sofrendor (cf. Kuzma, 2013, p. 25).

Essa conclusão, que a princípio possa se pensar especulativa, tem fundamento bíblico nos Evangelhos, na pessoa de Jesus de Nazaré, face visível de Deus revelado no amor – conforme a primeira Epístola de João (1 Jo, 4,16), conteúdo basilar da Revelação contida nas Sagradas Escrituras – o qual, assim como todos os cativos do século XX, também passou pela experiência da barbárie humana (cf. Kuzma, 2013, p. 26).

Deus, segundo Moltmann, é sofrendor na medida em que, sendo amor, é amor que decide sofrer para libertar aquele a quem ama, uma vez que a negação dessa sentença seria admitir uma divindade carente de afetos e incapaz, por conseguinte, de amar. A concepção do Absoluto, para

o referido teólogo, mostraria, em Auschwitz, um Deus encurvado sobre si mesmo, solidário e sofredor com aquele que sofre (Kuzma, 2013, p. 26).

Em Jesus Cristo, a divindade assume a humanidade de forma integral, divinizando-a, devolvendo a sua dignidade, submetendo a própria carne à experiência do êxodo da humanidade, sentindo como sente um ser humano, com todas as dificuldades e impasses de sua condição, estabelecendo uma relação íntima com o gênero humano. A ação de Deus, portanto, está inserida na história humana e é lugar onde a Graça se realiza plenamente (cf. Kuzma, 2013, p. 27).

Sendo assim, a partir desta exegese foi possível perceber que, durante todo o sofrimento humano escancarado pelos campos de concentração, Deus não só se fez presente na pessoa de Jesus Cristo, como homem crucificado e sofredor, como também na Sua Ressurreição os cativos puderam experimentar a esperança de libertação diante da injustiça e criar as condições para superá-la, propiciando algo totalmente novo.

A esperança, nesse contexto, é, para Moltmann, a solidariedade para com aquele que está sofrendo, partindo de seu ponto de vista, escondida entre os meandros dolorosos do desalento, fomentando a percepção da contradição e inquietação da experiência vivida, na busca pela superação desse estado (cf. Kuzma, 2013, p.28). É, desse modo, naquilo que o *Princípio Esperança* de Bloch rechaçou a transcendência, uma teologia integralmente transcendental e que procurou atender aos anseios da existência.

Nesse aspecto, é possível observar a aproximação do pensamento heideggeriano com a Teologia da Esperança, na forma de escatologia, uma vez que o *dasein* se percebe nessa experiência afetiva com a morte e parte do ponto de vista daquele que sofre a angústia. Decerto que o que impulsiona o homem neste caso, e o que o teólogo protestante considera como esperança, surge dessa descoberta e é ela que impulsiona o sofredor para o futuro, para a existência, para si mesmo.

A ESPERANÇA COMO CAMINHO ATÉ DASEIN

Considerando a ideia de uma divindade solidária com os angustiados e feridos pelos sofrimentos, convém analisar a Teologia da Esperança nesse contexto específico, a fim de encontrar o ser-aí presente em tal pensamento escatológico, destoando completamente de antigas noções que limitavam a esperança cristã à espera passiva, desconexa com as realidades terrenas, e supostamente conformada, da Parúsia.

É importante dizer que a escatologia cristã, também denominada de “Novíssimos”, trata dos temas relacionados às realidades últimas, o destino do ser humano e de toda a criação (cf.

Boff, 2012, p. 11), apesar de muitas vezes ser confundida unicamente com o problema da morte, por ser esta uma questão existencial relevante para o ser humano. Mas não se trata apenas disso (cf. Rocha; Pelinski, 2021, p. 93).

Segundo Moltmann (cf. 2005, p. 30), o esperar cristão não se resume apenas no que aguardaria o homem após sua morte, mas é perspectiva, tendência para a frente e, por conta disso, renovação e transformação do presente. A escatologia, portanto, é alicerce e parâmetro de todo o cristianismo (cf. Souza, 2019, p. 245).

Ao contrário do que entendeu Ernst Bloch, e embora influenciada por ele, a Teologia da Esperança vê no sofrimento uma fonte de esperança e vai além dos limites propostos na filosofia blochiana, tangenciando também o pensamento de Heidegger: na promessa do Evangelho, mais especificamente, na pessoa de Jesus Crucificado, está a fonte de esperança para aqueles que sofrem, ou seja, a existência autêntica, que leva em consideração o seu próprio fim, também é fonte de esperança e descoberta de seu sentido verdadeiro da existência (cf. Gonçalves, 2015, p. 18).

Tendo em vista que o viver autêntico se dá na abertura do ser-aí para o mundo circundante e os entes que o rodeiam e nisso ele mesmo se percebe e pode interpretar, a angústia é o sentimento propício para que tal abertura venha a ocorrer em uma dimensão ontológica, sendo certo que ela não é somente angústia, mas o berço do impulso para a existência autêntica, a esperança (cf. Gonçalves, 2015, p. 18).

O relacionamento entre Deus e o homem é baseado na promessa, quer viva o indivíduo conforme com ela, ou não. Desde a desobediência do gênero humano, que fora criado com dignidade anterior a seu nascimento (cf. Nissa, 1988, p. 27), mas rechaçou como fora criado (cf. Gn 3, 2-5), o Absoluto estabeleceu e se revelou num projeto cujo cumprimento pleno ocorrerá em um futuro escatológico, cuja finalidade é recuperar a liberdade integral do homem, ou seja, Ele se revelou sob a forma de promessa e pela história da promessa (cf. Souza, 2019, p. 246).

O indivíduo vive – ou deveria viver – baseado nessa promessa, com firme certeza de que Deus é fiel às suas promessas e que cumprirá cada uma delas, orientando seu agir com esperança em direção ao futuro prometido; contudo, baseado justamente nessa promessa, não se deixa conformar com a realidade presente, que tanto destoa da plenitude do futuro escatológico (cf. Souza, 2019, p. 246).

E que promessas seriam essas? Em resumo, a libertação do gênero humano. Segundo Moltmann, a promessa estabelecida no Antigo Testamento é confirmada plenamente no Novo Testamento, na pessoa de Jesus Cristo, sobretudo em dois momentos, na crucificação e ressurreição (cf. Kuzma, 2013, p. 35).

Na cruz, Jesus se abandonou em Deus e ao mesmo tempo se sentiu abandonado por Ele, unindo-se assim com todo indivíduo que também se sente abandonado. A divindade está com o homem quando ele sofre. Na ressurreição de Cristo, por sua vez, é superada no amor a experiência humilhante do cativo da morte, tornando também ressurgidos todos aqueles massacrados pelo peso da desesperança e do desalento.

Em Jesus Cristo, síntese da promessa, portanto, está concentrada a plenitude da esperança cristã, segundo a qual a contradição entre a cruz e a ressurreição, contida nessa promessa da libertação humana, convida o homem a também se sensibilizar e ficar inquieto diante da diferença entre essa mesma promessa de vida e a realidade terrena. Aí está a *missio* da esperança cristã.

Na experiência da morte e ressurreição experimentada por Cristo está o ser-aí da teologia de Moltmann, como condição da existência autêntica daqueles que confessam a crença em sua Pessoa e estão em peregrinação na descoberta do sentido da própria existência. Viver de forma autêntica é ser livre e aberto a seu sentido próprio, ontológico, e do mundo circundante sob o sol do ser-aí, conforme a promessa tornada plena e concreta resumida na pessoa do crucificado, angustiado pela cruz, fonte de esperança como ressuscitado.

CONCLUSÃO

Influenciado pela própria experiência pessoal, Jürgen Moltmann foi responsável por atender aos apelos de sua geração, sobretudo naquilo que se refere à síntese de suas obras: a esperança. O cativo, lugar onde já não haveria razões para esperar algo novo, foi um dos berços do clamor por um futuro diferente, mais humano.

Em que pese o desagrado de Ernst Bloch com a influência de sua obra sobre a *Teologia da Esperança* (cf. Chacon, 1968, p. 164), ambas não se confundem absolutamente e é possível observar a presença das ideias de Heidegger naquilo que se refere ao papel da angústia na descoberta do ser-aí e na promoção da existência autêntica, sendo certo que a esperança em Bloch encontra o limite que é ultrapassado por Moltmann com sua teologia.

Para Heidegger, a angústia é limiar ontológico da descoberta do ser-aí, que propicia a abertura ao mundo circundante e aos entes que rodeiam o ser-aí, sendo certo que a compreensão se dá de forma relacional e dentro de um tempo, tornando clara também neste ato de interpretar o aí do tempo presente.

A Teologia da Esperança de Moltmann, por sua vez, influenciada pelo Princípio Esperança de Ernst Bloch, vai além dela e bebe das fontes heideggerianas de sua hermenêutica da facticidade, partindo da experiência da dor como berço da esperança cristã, firmada na promessa de libertação da humanidade, feita por Deus na pessoa histórica de Jesus Cristo. Nele, pela união hipostática

sofreu como homem e venceu a morte, levou consigo toda a humanidade cativa, a fim de libertá-la.

A libertação aqui pode ser entendida como abertura para a esperança presente na angústia, como limiar da manifestação do ser-aí, de acordo com o pensamento de Heidegger. O indivíduo que crê é destinatário dessa libertação e tem o dever de, já nesta vida, superar a passividade diante da divergência entre a promessa e o mundo concreto, assumindo no testemunho da própria vida, como Cristo, a missão de tornar real já neste mundo o Reino de Deus, ou seja, praticar, naquilo que puder, a Boa-Nova plenificada em Jesus Crucificado e Ressuscitado, de viver de forma autêntica, de assumir a responsabilidade de ser.

A esperança cristã, nesse sentido, não se limita à Parúsia, mas é já o futuro almejado por todo homem e mulher de boa vontade, cristão ou não, que transcende a morte, mas não a perde de vista, a fim de viver autenticamente, que não vê na experiência do sofrimento um fim, mas o ponto de partida para a realização concreta, já agora, de novos homens e mulheres cada vez mais humanos, conscientes de sua dimensão ontológica mais íntima.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Tradução: Nélcio Schneider. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto: EDUERJ, 2006.

BOFF, Clodovis M. *Escatologia*: breve tratado teológico-pastoral. São Paulo: Ave-Maria, 2012.

CHACON, Vamireh. Jornada entre Heréticos (com Bloch, Lukács e Dubsky). *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.17/18, p. 159-165, 1968.

COSTA, Maria de Fátima Tardin. A utopia na perspectiva de Ernst Bloch. In: *ANAIS DE TRABALHOS COMPLETOS DO XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO* DE 2019.

Disponível em: <

http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/526.%20%20a%20utopia%20na%20perspectiva%20de%20ernst%20bloch.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

FIALHO, Rodrigo Sousa. Notas Reflexivas sobre conceitos que fundamentam a utopia como possibilidade concreta n'ó Princípio Esperança de Ernst Bloch. *Complexitas – Revista de Filosofia Temática*, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 58-73, jan. 2019.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Tradução de Paulo César Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GONÇALVES, Alonso S. A angústia em Heidegger e a esperança em Moltmann: um diálogo especulativo. *UNITAS – Revista eletrônica de Teologia e Ciência das Religiões*, v. 3, n. 1, p. 15-24, jan-jun/2015.

GUERCHE, Ronaldo Palma. *Hermenêutica da facticidade e coexistência cotidiana com outros: Heidegger e a retórica de Aristóteles*. 79f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: introdução à pesquisa fenomenológica*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HEIDEGGER. *Ontologia: Hermenêutica da facticidade*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KUZMA, Cesar. O teólogo Jürgen Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança: acenos teo-biográficos. *Atualidade Teológica* - Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio/Brasil, Rio de Janeiro, n. 43, ano XVII, p. 15-38, jan./abr. 2013.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. Tradução: Helmuth Alfredo Simon. Revisão: Nélcio Scheinder – 3. ed. ver. e atual. – São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005.

NISSA, São Gregório de. *A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

OLIVEIRA, Hudson Mandotti de. A força utópica do messianismo político de Ernst Bloch. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 16-39, jan./dez. 2017.

PORTO, Douglas Michel Ribeiro. *Afetos em movimento: Esperança e angústia como chaves interpretativas de movimentos sociais*. 168 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUCRS, Porto Alegre, 2022.

PROVINCIAATTO, L. G. O retorno à vida fática como proposta filosófica em Heidegger. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, [S. l.], v. 26, n. 49, p. 219–245, 2019.

ROCHA, Fernanda Brito da; PELINSKI, Márcio José. Por uma Teologia da Esperança: uma leitura bíblica e dos documentos da Igreja Católica sobre a Escatologia. *Caderno Intersaberes*. v. 10, n. 28, p. 92-108, nov/2021.

SANTOS, Jandir Silva dos. A hermenêutica da facticidade no pensamento heideggeriano. *Filosofando: Revista de Filosofia da UESB*, ano 1, n. 1, p. 73-82, jan-jun/2013.

SOUZA, Clayton Lima de. Uma breve análise da teologia de Jürgen Moltmann: Da Teologia da Esperança ao Universalismo. *Revista Via Teológica*. v. 20, n. 40, dez. 2019.